

Ano 18, Vol. XVIII, Núm.1, jan-jun, 2025, pág. 465-477.

A IMPORTÂNCIA DA FESTA MBOATAWA PARA O POVO TENHARIN PIRY KAGWAHIWA (AMAZONAS, BRASIL): RELATO DE EXPERIÊNCIA.

Mylena Magalhaes Oliveira
Jaqueline dos Santos Figueiredo
Jordeanes do Nascimento Araújo

RESUMO

Trata-se de um estudo, cujo o objetivo foi analisar e descrever a importância da festa Mbotawa para o povo Tenharin Piry Kagwahiwa, localizados no Sul do Amazonas. A proposta metodológica deste texto está embasada na abordagem qualitativa, a qual, segundo Duarte (2002, p.141), define a pesquisa “universo de investigação que é algo primordial, pois interfere diretamente na qualidade das informações a partir das quais será possível construir a análise e chegar à compreensão mais ampla do problema delineado”. A discussão teórica firmou-se em (Araújo, 2023), (Peggion, 2006). Os dados analisados possibilitaram compreender que as festas tradicionais indígenas desempenham um papel de extrema importância no fortalecimento da cultura e na promoção da aliança entre os povos, constituindo um momento de celebração da resistência dos povos originários.

Palavras Chave: Festa Tradicional, Povo Tenharin, Ritual indígena.

THE IMPORTANCE OF M’BOATAWA FESTIVAL FOR THE TENHARIN PIRY KAGWAHIWA PEOPLE FROM AMAZON IN BRAZIL: AN EXPERIENCE REPORT

ABSTRACT

This is a study whose objective was to analyze and to describe the importance of the M’Boatawa festival for the Tenharin Piry Kagwahiwa people, located in the south of Amazonas. The methodological proposal of this text is based on the qualitative approach, which, according to Clandinin and Connely (2000, p. 20), defines research as “universe of investigation that is essential, as it directly interferes with the quality of information from which it will be possible to construct the analysis and reach a wider understanding about the problem outlined”. The theoretical discussion was based on (Araújo, 2023) and (Peggion, 2006). The data analyzed made it possible to understand that the traditional indigenous festivals play a role of extreme importance in strengthening the culture and promoting the alliance among peoples, constituting a moment of celebration of the resistance of the native peoples.

Keywords: Traditional Festival, Tenharin People, Indigenous Ritual.

1. Considerações Iniciais

O ritual Mboatava ocorre anualmente entre a etnia Tenharin sendo de grande importância para o povo, possui características macro tanto em relação à sua relevância para as aldeias quanto à sua organização. A importância do evento para a comunidade é evidenciada pelo empenho na preparação de cada momento do ritual, que reflete a tradição e os valores locais. O povo Tenharin está localizado no Sul do Amazonas, a margem do rio Madeira e possui características organizacionais próprias de sua cultura.

Sua manifestação cultural ocorre de diversas maneiras, como por meio da festa cultural que permite aos membros das comunidades indígenas expressarem-se através de vestimentas, músicas, comidas típicas, artesanato tradicional e organização social. Por meio desta análise buscamos compreender a importância desse evento para o povo através da percepção dos próprios membros da comunidade indígena presente.

Portanto, a observação participante permitiu perceber os relatos por meio da abordagem narrativa compreender essa experiência dos detalhes desde o momento da chegada até o fim da festa tradicional, que é considerada importantíssima por gerar informações e vivências sobre a cultura dos povos originários. Além disso, a interação com membros da comunidade indígena e a realização de entrevistas possibilitaram a coleta de informações de maneira mais precisa.

É importante destacar que a festa tradicional é um evento específico do povo indígena e a participação ao longo deste relato será abordada mediante a percepção em relação a essa oportunidade, descrevendo as observações vivenciadas. Serão discutidos também como os relatos ouvidos serviram como fonte de incentivo para o estudo, assim como as músicas que proporcionaram uma experiência sensorial profunda, permitindo sentir a importância daquele momento.

2. Metodologia

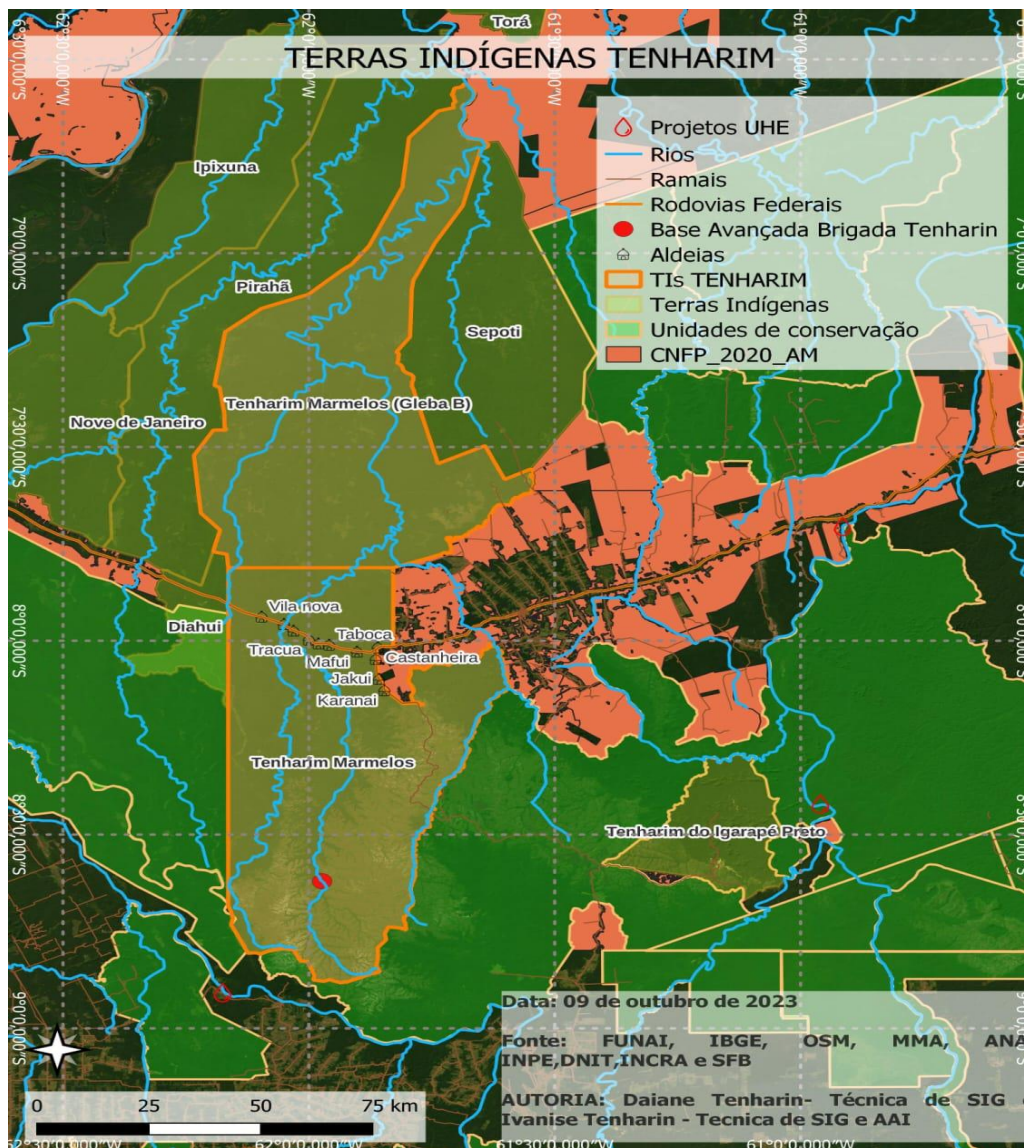
A proposta metodológica fundamenta-se na abordagem qualitativa. A respeito dessa abordagem, Duarte afirma que "definição de critérios segundo os quais serão selecionados os sujeitos que vão compor o universo de investigação é algo primordial, pois interfere diretamente na qualidade das informações a partir das quais será possível construir a análise e chegar à compreensão mais ampla do problema delineado" (Duarte, 2002, p. 141).

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados incluem a observação participante e o diário de campo, os quais possibilitaram "um relato do modo como o pesquisador viveu durante

o período de realização do estudo. Tal relato contribui para a explicação da análise dos dados" (Marques, 2016, p. 271). A análise dos dados foi complementada por meio de entrevistas e revisão da literatura.

3. Caracterização do território Tenharin

Segundo Valtierre (2023); e Menendez (1987), o povo Kagwahiva tem origem Tupi, e também já habitaram às margens do rio Madeira e do rio Tapajós. Atualmente eles se encontram no Sul do Amazonas, com uma população estimada entre 2500 indivíduos que estão divididos entre as etnias Parintintin, Tenharin, Jiahui e Juma.



Fonte: Associação Indígena do Povo Tenharin – APITEM, 2023.

A comunidade indígena Kampihũ'o que foi a sede da festa M'boatawa está localizada no Km 130 da BR 230, que interliga os municípios de Humaitá e Apuí, no estado do Amazonas. A aldeia faz parte da etnia Tenharin chamados de Kagwahiva, que segundo Peggion, (2006, p. 150) concentram-se:

[...]no vale do rio Madeira, distribuem-se em duas áreas, a do médio rio Madeira, no estado do Amazonas, e a do alto rio Madeira e rio Machado, em Rondônia (respectivamente, os Kagwahiva setentrionais e os Kagwahiva meridionais).

Em sua estrutura física, a aldeia é composta por moradias tradicionais de madeira e alvenaria, as quais se destacam por suas dimensões amplas e cobertura de telhas. Algumas dessas habitações possuem mais de um pavimento, enquanto outras apresentam elevação, caracterizadas por estruturas de piso elevado e assoalho. Dotadas de janelas grandes e algumas providas de varandas, as residências ocupam o núcleo central da aldeia, circundadas por árvores. Ademais, a comunidade dispunha de um centro cultural “Onga’hu” construído em madeira e coberto com palha trançada, adornado com peças artesanais indígenas produzidas pela própria comunidade.



Fonte: Figura 01. Arquivo pessoal (2024).

Os elementos culturais marcantes abrangem as vestimentas utilizadas por homens, mulheres, idosos e crianças, que representam suas subjetividades e buscam destacar sua herança cultural. As mulheres, por exemplo, vestiam saias coloridas com detalhes artesanais, combinadas com biquínis de crochê adornados com cocares, akanitaras, e pinturas corporais. Essas pinturas, predominantemente nas pernas, apresentavam padrões circulares ou traçados distintos.

Os trajes masculinos consistiam em calças jeans ou bermudas, estavam sem camisas, sendo complementados por adornos de penas, chocalhos nos tornozelos e pinturas na região frontal do corpo em tons de vermelho e preto.



Fonte: Figura 02. Arquivo pessoal (2024).

Os povos Tenharin estão divididos em dois clãs distintos: o Mutum Nagwera e o Kwadu Tarawe. Os integrantes do clã Mutum caracterizavam-se por pinturas pretas de babaçu, tanto homens quanto mulheres, enquanto os do clã Tarawe eram identificados pelas pinturas vermelhas de urucum. Durante as danças tradicionais, observou-se uma particularidade cultural significativa: um integrante do clã Mutum dançava com um do clã Tarawe, uma vez que era proibido que pessoas do mesmo clã dançassem juntas.

4. A festa tradicional M'boatawa do Povo Tenharin Piry Kagwahiwa

A festa tradicional M'boatawa do Povo Tenharin Piry Kagwahiwa é considerada ancestral pela etnia Tenharin, remontando a tempos imemoriais. Além disso, desempenha um papel de extrema importância no fortalecimento da cultura e na promoção da aliança entre os povos, constituindo um momento de celebração da resistência dos indígenas. Essa tradição cerimonial também serve como uma forma de reverenciar os antepassados, expressando gratidão àqueles que resistiram no passado para que o povo Tenharin pudesse perdurar até os dias atuais. Segundo Araújo (2023), a festa é dividida em três etapas: preparação, realização e finalização.

Preparação

A preparação ocorre logo após a escolha do próximo responsável pela festa, momento em que também se define a localização do ritual no ano seguinte. A festa ocorre anualmente

nos meses de julho ou agosto, dependendo da decisão final dos anciãos e das condições climáticas vigentes. A seleção da aldeia responsável por sediar a festividade transcorre por dois processos distintos: inicialmente, é convocada uma reunião na qual os membros da comunidade podem se voluntariar. Caso não haja voluntários, um indivíduo é indicado, e essa designação é irrecusável. Após a escolha da aldeia sede, os preparativos para a próxima celebração são iniciados, pois toda a organização envolve de maneira coletiva toda a etnia Tenharin.

Aproximadamente 15 dias antes do evento, caçadores e pescadores saem em busca de peixes e caça, que são conservados até o início do ritual. O destaque dessa etapa é o abate de uma anta, considerada o prato principal. Além disso, é construído um girau para preparar a farinha de macaxeira defumada, conhecida como “Mandiogwy”, e outro girau maior chamado “moquém” para receber a carne trazida pelos caçadores.



Fonte: Figura 03. Arquivo pessoal (2024).

Realização

Chegada dos convidados

A realização ocorre durante a chegada dos caçadores, um momento simbólico que se caracteriza por um processo de divisão e conciliação. Inicialmente, as outras aldeias convidadas chegam como se fossem inimigas, seguindo a regra de se apresentarem com altivez. Os residentes locais, onde a festa é realizada, não devem demonstrar repressão ou medo. Posteriormente, esse momento simbólico de dupla altivez vai se suavizando à medida que os diálogos e rituais se entrelaçam (Peggion, 2006); (Araújo; Peggion, 2023).

Chegada dos Caçadores

O momento de chegada dos caçadores ocorre por meio de canoas pelo rio, sendo considerado emocionante quando avistados pela comunidade. Os diferentes grupos acampam nas proximidades da aldeia, aguardando a entrada de todos até que estejam presentes. Durante a madrugada da chegada, os caçadores permanecem acordados e, por volta das 4 horas, começam as explosões de fogos artificiais oriundos da cidade. À beira do rio, todos, incluindo o responsável pela festa, aguardam para recepcionar os caçadores que adentram a aldeia em fila indiana. Nesse momento, eles dançam carregando suas caças, realizando simulações de confrontos e danças em círculo, enquanto as caças são levadas ao “moquém”.

Início da Festa

Após a chegada dos caçadores, iniciam-se as festividades com muita dança e pintura. No processo de pintura segundo Valtierre (2023, p. 143) “Os Mutum pitam os Tarawé de vermelho em diversas ocasiões, enquanto os Tarawé pitam de preto os Mutum”, as pinturas corporais são feitas pelas mulheres embaixo de árvores próximos a “onga’uhu”.

Homens costumam pintar o dorso e o rosto com a mistura da casca do babaçu. Há, também, algumas distinções na estética, sendo que a mulher Tarawé faz marcas nas pernas com o dedo indicador. No processo de pintura há relações de parentesco em evidência. Não se pinta qualquer pessoa (Araújo; Peggion, 2023, p. 2).

Durante as danças, foi observado o uso de um instrumento tradicional conhecido como “Yrerua”, o qual consiste em uma vara de bambu proporcional ao tamanho do homem, como descrito por Araújo e Peggion:

A dança ocorre de duas maneiras: em círculo, coletivamente, tendo à frente um sênior (ou o dono da festa, ou seu filho). Cada um sustenta uma taboca (Yrerua), que é uma flauta de bambu que foi devidamente preparada para o ritual. O bambu descansa sob as águas de um igarapé por um tempo e depois acopla-se em um furo de um dos gomos deste bambu, uma taquara, que faz o efeito de uma lingueta, que permite que o instrumento emita um som grave (2023, p. 2).



Fonte: Figura 04. Arquivo pessoal (2024).

Enquanto dançava, o homem era acompanhado por uma ou mais damas que o auxiliavam a manter o instrumento suspenso enquanto ele assoprava. Ademais, durante as danças, os visitantes também tinham a oportunidade de participar. Embora homens e mulheres estivessem pintados com grafismos vermelhos ou pretos, não havia restrições para dançarem juntos, pois eram considerados visitantes. Essa permissão não se estendia aos membros dos clãs Mutum Nagwera e Kwadu Tarawe, os quais mantinham tradições mais rígidas em relação à interação durante as danças.

Na dança, cada batida do pé possui um significado espiritual. Por exemplo, se alguém estiver doente, bate-se o pé para expulsar a doença do corpo e afastar energias negativas. Nas rodas de dança, a duração é fortemente influenciada pela resistência da pessoa que lidera na frente. Geralmente, uma roda de dança dura entre 5 a 7 minutos, porém em situações de aflição ou dificuldade enfrentadas pelo povo, pode se estender de 15 a 30 minutos. Ao final de cada dança coletiva, ecoa-se um grito de satisfação (Uuuuaaaa!).

Em intervalos da dança coletiva, homens mais velhos, portando uma pequena flauta que é um tubo de bambu, andam pelo centro da casa em linha reta alternando canto e sons do instrumento. Em geral tais cantos remetem aos antigos e a feitos realizados pelo cantor (boas caçadas, por exemplo) (Araújo, Peggion, p. 2-3. 2023).

No segundo dia de festividades, os preparativos iniciam-se às 4 horas da manhã, com destaque para a preparação das caças que estão dispostas no 'moquém'. Um responsável, geralmente um integrante do clã Mutum, realiza o manuseio dessa preparação, enquanto os integrantes do clã Tarawé ficam encarregados do cesto de farinha. Outra atividade comum nesse segundo dia é a quebra da castanha, um trabalho exclusivo dos homens que, com o auxílio de terçados, abrem as castanhas para que, em seguida, as mulheres possam pilá-las junto à água em pilões de madeira. O objetivo desse processo é extrair o leite da castanha, que será utilizado no prato principal.

O Luto

Em diversos contextos culturais, o luto assume significados variados. A perda de entes queridos desempenha um papel crucial neste processo, e a reorganização do núcleo familiar torna-se um desafio diante dessa nova realidade. Conforme os escritos de Ramos (2016, p. 3), “[...] a definição do processo de luto é complexa, uma vez que cada indivíduo o vivencia de maneira distinta, influenciado pela cultura, pelo ambiente em que está inserido e pelo próprio

contexto da perda”. Assim, para algumas culturas, o luto é experimentado como um estado de intensa angústia e frustração, refletindo um processo mental que afeta diretamente o corpo.

A vivência da perda é modulada pelas subjetividades dos indivíduos envolvidos, englobando termos indefinidos e rituais dicotômicos que abrangem tanto o aspecto de passagem quanto o de recordação ou celebração. Portanto, é importante refletir sobre esses aspectos antes de abordar o ritual de luto associado à festa tradicional, para evidenciar que os processos vividos em uma escala global possuem significados específicos e que o foco aqui é destacar os significados durante o ritual.

A cerimônia dos mortos, um dos momentos significativos da festa tradicional, representa o processo de luto e consiste na homenagem dos vivos àqueles que já partiram. Várias cadeiras são dispostas ao redor da 'onga'uhu', onde alguns familiares se sentam e aguardam. Em seguida, outras pessoas chegam trazendo óleo de babaçu e pertences dos falecidos, e logo após, lamentam e choram intensamente pela perda, tanto dos que faleceram recentemente quanto daqueles que se foram há muito tempo.

Os Casamentos

Outro momento significativo da festa é o casamento, que se destaca por ser um processo marcante com diversos rituais. Um desses rituais envolve a exibição de dois mastros fincados no centro, com uma rede estendida de um lado a outro para que os noivos possam se sentar juntos, cantar e lamentar. Durante essa cerimônia, a família da noiva oferece conselhos ao noivo sobre os cuidados e o respeito que ele deve ter como esposo, enquanto a família do noivo expressa lamentos pela proximidade que o filho passará a ter com a família da noiva (Peggion, 2006); (Araújo; Peggion, 2023).

A Comida

No terceiro dia destaca-se um dos momentos centrais da festa “[...] o prato principal é um pirão de carne de anta cozida no leite da castanha. As sobras das castanhas são amarradas em folhas de palmeira e colocadas no moquéim resultando na chamada “pokeka”,” (Araújo; Peggion, 2023, p. 4). A comida que com um preparo bastante custoso e elaborado consiste na carne de anta moqueada cozida no leite da castanha, servida aos membros do povo Tenharin com acompanhamento da farinha de “mandiogwy”.

Finalização

Ao término da festividade, procede-se com a distribuição da farinha tradicional e das castanhas para as famílias presentes; em seguida, os convidados preparam-se para retornar às suas residências. E antes que todos comecem a partir, já é feita a escolha do próximo dono da festa.

5. A importância da Festa Mboatava para a etnia/povo Tenharin Piry Kagwahiva

As festividades tradicionais necessitam serem analisadas mediante seu significado subjetivo para cada cultura, portanto durante a realização da festa buscamos entrevistar membros da comunidade em busca de compreender a importância para os mesmos, ao consultar três membros da etnia Tenharin sobre a importância da Festa Mboatava, foram apresentados elementos significativos que contribuíram para uma compreensão mais aprofundada dos aspectos subjacentes à realização anual desse ritual. Deste modo, os entrevistados possuíam idades distintas: um jovem com até 30 anos, um adulto acima dos 30 anos e um ancião com mais de 70 anos, possibilitando a visualização de três perspectivas diferentes.

Jovem:

“É uma festa sagrada para a gente, muito importante e esta festa é a principal para mim do povo Tenharin, eu sou jovem e não podemos largar da cultura, a cultura da gente, saber valorizar a nossa cultura, o nosso cântico e respeito de cada um de nós, valorizar a língua e a dança”.

Adulto

“A festa para nós primeiramente é uma festa tradicional, milenar, e a importância dela para gente é fortalecimento cultural, aliança entre os povos e o fortalecimento político do povo Tenharin, é um momento em que a gente ao mesmo tempo celebra a força do povo e também a gente automaticamente também tem um processo de cerimônia que a gente relembra os nossos antepassados, pessoas que a gente nunca esqueceu, assim a festa tem um significado material e imaterial, não pode ser quebrado o ciclo”.

Ancião:

“A importância? É caça e a farinha que tá aí, a farinha branca que nós chamamos de “mandioguy”, o quê que faz com essa farinha? Quando você cozinha como um mingau vira a caldeirada, depois disso vai ter uma cerimônia de casamento, a cerimônia maior e a dança homem e a dama”.

Através da narrativa dos entrevistados constatou-se que ambos compartilhavam uma compreensão comum acerca da importância da festa tradicional, embora a partir de perspectivas distintas. Elementos significativos, como a caça, a farinha, o fortalecimento da cultura e a celebração da tradição, foram enfatizados, permitindo que os participantes, especialmente as crianças desde seu desenvolvimento inicial como parte de sua comunidade pudessem intrinsecamente aprofundar em suas raízes durante esses eventos.

[...] ensinar o grafismo, as cores dos clãs, para os mais jovens, sua importância para o grupo, e quanto estes sinais carregam os de significações e ritos culturais Kagwahiva. Nesse sentido, observa-se a relevância das pinturas para os povos Kagwahiva, pois não se reduz meramente ao estético, mas em uma crença cultural mística presente no seu significado para a importância de manter sempre viva a cultura deste grupo e repassar para futuras gerações, os conhecimentos que fazem parte deste universo cultural (Valtierre; Araújo, p. 151-152, 2023).

Portanto, ressalta-se que a festa tradicional Mboatawa do Povo Tenharin Piry Kagwahiva revela a riqueza cultural e simbólica presente nesse evento ancestral. A celebração não apenas resgata tradições antigas, mas também fortalece a identidade e a união da comunidade Tenharin, destacando a importância da resistência indígena ao longo dos tempos. Os rituais e cerimônias realizados durante a festa refletem a reverência aos antepassados, a valorização das relações interpessoais e o respeito pela natureza e pela espiritualidade. A forma como os diferentes momentos são conduzidos, desde a escolha da aldeia sede até os rituais de casamento e de homenagem aos mortos, evidencia a complexidade e a profundidade dos laços culturais desse povo. A preservação e a celebração dessas tradições são essenciais para manter viva a história e a herança do Povo Tenharin, além de promover o diálogo intercultural e o respeito pela diversidade étnica

6. Considerações Finais

Este estudo proporcionou uma análise abrangente da Festa Mboatawa e de sua importância para a etnia Tenharin, revelando a riqueza cultural e a profundidade dos significados associados a este ritual. Através da consulta a membros de diferentes faixas etárias, foram obtidas perspectivas variadas que enriqueceram nossa compreensão sobre os aspectos culturais, sociais e simbólicos do ritual.

Os elementos ressaltados pelos entrevistados, como a caça, a farinha e a celebração da tradição, evidenciam a importância da festa não apenas como um evento de caráter festivo, mas como um pilar fundamental na preservação da cultura Tenharin. A diversidade de perspectivas ouvidas pelos acadêmicos permitiu uma visão mais completa dos valores e práticas associados à festa.

Em suma, este trabalho destaca a importância de considerar as tradições culturais dentro de seus contextos específicos e reconhecer a diversidade de perspectivas que contribuem para a riqueza dessas práticas. As descobertas aqui apresentadas oferecem uma valiosa da maneira como um de seus rituais tradicionais ocorrem sustentando a identidade cultural, portanto se faz necessário preservar e respeitar essas práticas ancestrais.

7. Referências

ARAÚJO, Jordeanes Nascimento; PEGGION, Edmundo Antonio. Base Semântica sobre o ritual Mbotawa. Mimeo, 2023.

DUARTE, Rosália. Pesquisa Qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. Cadernos de Pesquisa, 2002, p.139-144. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000100005> Acesso em: 30/09/2024.

MARQUES, Janote P. A "observação participante" na pesquisa de campo em Educação. Educação em Foco, 2016, p. 263-284. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3152718/mod_resource/content/2/Observacao%20participante.pdf Acesso em: 30/09/2024.

MENENDEZ, Miguel. A presença do branco na mitologia Kawahiva: história e identidade de um povo tupi. **Revista de antropologia** da Universidade de São Paulo, Faculdades de filosofia, letras, e ciências humana departamento de ciências sociais. 1987. V. 32.

PEGGION, Edmundo Antonio. Ritual e vida cotidiana no Sul do Amazonas: os Tenharim do rio Marmelos. **Perspectivas**, São Paulo, 29: 149-168, 2006.

RAMOS, Vera Alexandra Barbosa. O processo de luto. 2016. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1021.pdf> Acesso em: 28/07/2024.

VALTIERRE, Tainara Prestes. ARAÚJO, Jordeanes do Nascimento. A importância da pintura corporal nas crianças indígenas: ritual e passagem na cultura Tenharin Kagwahiva. **RECH-Revista de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem estar**. Vol VIII, núm. 2, jul-dez, 2023, pag. 140-162.

Recebido em: 18 de novembro de 2024.

Aceito em: 19 de dezembro de 2024.

Publicado em: 01 de janeiro de 2025

Autoria:

Autor 1

Nome: Mylena Magalhaes Oliveira

Instituição: Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas.

E-mail: mylenamagalhaes11@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-7012-936>

País: Brasil

Autor 2:

Nome: Jaqueline Santos Figueiredo

Instituição: Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas.

E-mail: santos.jaquelinemyguel2019@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-1848-3561>

País: Brasil

Autor 3:

Nome: Jordeanes do Nascimento Araújo

Instituição: Prof. Dr. da Universidade Federal do Amazonas.

E-mail: jordeanes@ufam.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6276-2727>

País: Brasil